Lazer e Agroecologia: Uma discussão a partir do tempo de trabalho das mulheres

Laisure and Agroecology: A discussion of women's working time

PERES, Mayara de Oliveira[1]; BATISTA, Erika[2]
[1] IFSP-Campinas, mayara.fef@gmail.com; [2] IFSP-Campinas, erika.batista@ifsp.edu.br

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Esta pesquisa qualitativa e exploratória foi realizada com vinte e cinco mulheres do Assentamento Milton Santos, localizado na Região Metropolitana de Campinas. O objetivo geral é compreender como essas mulheres organizam seu tempo de trabalho e lazer, descobrindo e levantando o tempo que gastam em atividades de produção no campo e atividades domésticas e comparando o tempo de trabalho com o tempo que gastam para si no lazer. Para isso realizamos entrevistas guiadas e a análise de dados deu-se por análise de conteúdo. Os resultados demonstram que o tempo de lazer da mulher é comprometido pelo tempo de trabalho doméstico. Acreditamos que estudos sobre o lazer interpolam-se com as discussões feministas e agroecológicas, colaborando na construção destes conhecimentos.
Palavras-chave: Gênero; Feminismo; Tempo livre; Patriarcado; Mulher.
Keywords: Gender; Feminism; Free time; Patriarchy; Woman.

Introdução

Na perspectiva feminista, ao criticar o mito da neutralidade científica e a ciência positivista, temos uma construção social de uma epistemologia contra-hegemônica (GIFFIN, 2006). O ambiente privado da residência e os trabalhos domésticos são historicamente ocupados pelas mulheres e, apesar da conquista de outros espaços e funções, a desigualdade de gênero ainda é uma realidade do trabalho doméstico, pois a mulher continua sendo a pessoa responsável por sua manutenção e organização, assim como o cuidado com filhos e demais parentes.

O trabalho doméstico não é reconhecido como um trabalho, assim como os outros, graças a uma concepção de trabalho do patriarcado e capitalismo. É incômodo aceitar que as pessoas condenadas a papeis acessórios participam com a parte mais importante para a reposição e manutenção da força de trabalho, pois o feijão cru que passou a ser um feijão cozido através do preparo da comida, trabalho este realizado historicamente pela mulher, é que contribuiu para a manutenção da força de trabalho das demais pessoas da casa (IASI, 2011).

Essa responsabilidade não compartilhada faz com que a mulher tenha suas forças físicas e mentais exauridas para o conforto e qualidade de vida de outras pessoas e faz do tempo da mulher um tempo para viver para os outros. Essa realidade é encontrada tanto no meio urbano quanto no rural.

Tomar a classe trabalhadora somente como uma força de trabalho torna o tempo para outras atividades um problema (THOMPSON, 1999), mas nem sempre foi assim.

O *Skholé*, na Grécia, era um tempo de não trabalho e um privilégio de estar livre dessa necessidade, condição de poucos cidadãos. O *Otium*, em Roma, é a recreação das massas, conhecido como pão e circo, um meio de despolitização e controle patrocinado pelo Estado. O ócio, na Idade Média, era exteriorizado através de um espírito lúdico numa demonstração de posse e riqueza por daqueles que se beneficiavam do tempo ocioso. Já no início da Idade Moderna, o ócio é visto pelo puritanismo como um vício, uma degradação e antitrabalho, emergindo a noção de ócio como perda de tempo (MUNNÉ, 1980 apud MASCARENHAS, 2006).

O lazer, um fenômeno dotado de características da sociedade industrializada e, atualmente tecnológica, é a forma dominante de tomada do tempo livre da jornada de trabalho através do controle do corpo e da mente, difundindo o modo de vida burguês, ao passo que aos poucos toma a forma de uma mercadoria (MASCARENHAS, 2006), mas, para além disso, é também uma construção social e histórica.

Diante disso, é necessário reconhecer que o trabalho doméstico é extremamente importante e ao mesmo tempo não reconhecido, pois, com o recorte de gênero, o tempo da mulher nessa atividade passa a ser revelado, assim como o tempo dedicado para si e as opções de lazer.

Dessa forma, esta pesquisa[1] em colaboração com o *NEAES - Núcleo de Estudos em Agroecologia, Educação e Sociedade* - teve o objetivo geral de conhecer como as mulheres organizam o próprio tempo de trabalho e lazer no Assentamento Milton Santos, descobrindo e levantando o tempo que gastam em atividades de produção no campo e atividades domésticas e, comparando o tempo de trabalho com o tempo que gastam para si no lazer.

Metodologia

O Assentamento Milton Santos, localizado na Região Metropolitana de Campinas, possui cerca de 68 famílias com experiências em horta coletiva e produção agroecológica (BATISTA & ROCHA, 2018). Diante disso, esta pesquisa qualitativa e de caráter exploratório efetivou-se através da coleta de vinte e cinco entrevistas guiadas por formulário padrão com mulheres deste assentamento.

[1] Os resultados aqui apresentados fazem parte da pesquisa “Tempos de trabalho e lazer no Assentamento Milton Santos” - no prelo - realizada para a conclusão do curso de Especialização em Educação para Inserção Social do IFSP-Campinas.

O contato face a face e o roteiro de perguntas são instrumentos essenciais para uma investigação social que visa obter informações diretas da pessoa entrevistada (MARCONI & LAKATOS, 2010).

O formulário utilizado permitiu que conhecêssemos variadas características das entrevistadas como a idade, escolaridade, constituição do grupo familiar, características da produção, divisões dos trabalhos, atividades de lazer e tempo livre. A pesquisadora transcrevia a informação verbal dada pelas pesquisadas e foi utilizada a análise de conteúdo para organização e análise dos dados (LAVILLE & DIONNE, 1999).

Resultados e Discussão

Em dezoito entrevistas, das vinte e cinco obtidas, as mulheres não chegaram a concluir o ensino fundamental básico e 68% delas têm entre 40 e 50 anos. Portanto, o grupo é constituído, em sua maioria, por mulheres de baixa escolaridade e adultas de meia idade.

Há produções agrícolas e produções com animais e o trabalho é dividido entre outras pessoas em mais da metade dessas produções, no entanto, encontramos casos em que este trabalho é realizado somente pela mulher. Por conta da sazonalidade, características próprias de cada produção e tipo de produção, o tempo de trabalho varia de meia hora a dez horas diárias. A produção, seja agrícola ou com animais, é essencialmente para o sustento familiar, seguido da intenção de venda.

Quanto à divisão do trabalho realizado no ambiente doméstico observamos que a entrevistada predomina na maioria deles, ficando abaixo apenas nas tarefas de reparos ou manutenção. Esta inversão dá-se porque este é o trabalho que é normalmente assumido pelos homens. Porém, existem outras tarefas na casa e é a mulher que lava a louça e realiza o preparo dos alimentos, faz a limpeza e manutenção de roupas e sapatos, limpa/arruma a casa e garagem/quintal, cuida da organização do domicílio, realiza compras e pesquisa preços e, ainda, cuida dos animais domésticos.

Estes dados corroboram com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua (PNAD) de 2017, que também aponta que a atividade de maior afazer doméstico, para aqueles que realizam, é preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar a louça, no entanto, são as mulheres as que mais fazem este trabalho, com 95,6% em relação a 59,8% dos homens (IBGE, 2018).

Quando questionadas em relação a quantos dias dedicam ao que gostam de fazer e por quantas horas nesses dias, encontramos uma média de quarenta e cinco minutos diários. Ou seja, a maioria das mulheres entrevistadas tem menos de uma hora por dia, ou nem isso, de tempo para ocupar-se consigo. Posto isto,

compreendemos que o tempo de lazer dessas mulheres é menor por conta do trabalho doméstico realizado primordialmente por elas.

Como já vimos, este cenário faz parte da realidade nacional do trabalho doméstico e não é uma característica única do grupo pesquisado. Neste trabalho as mulheres são colocadas como "[...] escravas do lar com pouco ou nenhum tempo para desenvolverem aspectos da vida própria" (TIBURI, 2019, p.14-15).

Portanto, a agroecologia por ser uma ciência, prática e movimento social que tem como objetivo transformar as relações entre seres humanos e a natureza, não deve ignorar as teorias feministas, que são críticas e não legitimadoras da ordem social, pois é justamente a ausência dessa discussão que contribui para a manutenção das desigualdades na prática agroecológica (LIMA & JESUS, 2017).

Ainda, é importante pensar no tempo para além do tempo de trabalho e obrigações, repensando e refletindo sobre o tempo livre e de lazer dentro do capitalismo e patriarcado. Além de observar atentamente teorias que reproduzem e fortalecem a lógica do mercado, como a ideia de *ócio criativo* - termo utilizado por De Masi, que implica numa lógica produtivista e colonização do tempo livre pelo trabalho, no qual o ócio deve voltar-se a produção da maior quantidade de ideias, apoiada na produção de conhecimento da sociedade pós-industrial (MASCARENHAS, 2006).

Conclusões

Concluímos que estudos e pesquisas sobre o lazer interpolam-se com as discussões feministas e agroecológicas, colaborando na construção destes conhecimentos.

Ao observar o tempo livre e, as desigualdades quanto à disponibilidade e ocupação deste tempo, damos visibilidade a uma necessária melhor distribuição dos trabalhos domésticos, assim como, os percalços encontrados na ocupação do tempo com atividades de interesses próprios. Em vista de uma sociedade mais igualitária, é absurdamente desleal o desajuste de tempo livre da mulher.

Ainda, é importante compreender que o lazer, um conceito polissêmico construído a partir das contradições históricas e sociais de nosso tempo, é uma importante estratégia e meio de emancipação humana e cuidado pessoal. Para isso, a princípio, precisamos de uma democracia dos corpos nos diversos tempos e espaços.

Agradecimentos

Agradecemos as pessoas do Assentamento Milton Santos.
Agradecemos especialmente as mulheres entrevistadas nesta pesquisa.

Referências bibliográficas

BATISTA, E.; ROCHA, H. F. **A contribuição das atividades de extensão no IFSP para o desenvolvimento de práticas sócioeducativas no âmbito da Agroecologia.** Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

GIFFIN, K. M. **Produção do conhecimento em um mundo "problemático": contribuições de um feminismo dialético e relacional.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 3, set-dez, 2006.

IASI, M. L. **Ensaios sobre a consciência e emancipação**. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 176 p.

IBGE. **PNAD contínua:** Outras formas de trabalho 2017. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/5af402f1019098f3ed5e414110d99a42.pdf>. Acesso em: 28 de nov. de 2018.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre, Artmed, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, M. M. T.; JESUS, V. B. **Questões sobre gênero e tecnologia na construção da agroecologia.** Revista Scientiae Studia, São Paulo, v. 15, n. 1, 2017, p. 73-96.

MARCONI, M. A,; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297 p.

MASCARENHAS, F. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In: PADILHA, V. et al. **Dialética do lazer**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006. cap. 3, p. 75-103.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.

TIBURI, M. **Feminismo em comum:** Para todas, todes e todos. 9ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019, 126p.